L
19594

NA CÔRTE DA SAUDADE

(SONETOS DE TOLEDO)

POR

ANTº SARDINHA

CAPA DE SAAVEDRA

MACHADO

19.594

Na Côrte da Saudade

DO AUTOR:

Tronco reverdecido. Poesias. 1910.
O valor da raça. 1915.
A epopeia da Planície. Poemas. 1915.
A questão ibérica. De colaboração. 1916.
Quando as nascentes despertam... Poemas. 1921.

NO PRELO:

Ao Princípio era o Verbo (Ensaios & estudos).
A aliança peninsular. (Possibilidades & antecedentes) Com prefácio do conde de la Mortera.
Na feira dos Mitos. (Idéas & factos).
Chuva da tarde. Sonetos de amor.

A SEGUIR:

Ao ritmo da ampulheta. (Crítica & doutrina).
Durante a fogueira. Páginas da guerra.
Era uma vez um Menino... Elegias.
«Pequena casa lusitana». Sonetos.

DEP. LEG

António Sardinha

: : Na Côrte da Saudade

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA
R. 83277

Sonetos de Toledo

"LVMEN„ — Empresa Internacional
Editora — Lisboa - Porto - Coimbra
1922

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Composto e impresso nas oficinas da "LVMEN,,
R. Ferreira Borges, 103 a 111 — Coimbra.

« aquella ilustre y clara pesadumbre,
de antiguos edificios adornada. »

GARCILASO. — *Egloga Tercera.*

«. . . . . Toledo,
Cidade nobre, e antiga, a quem cercando
O Tejo em torno vai suave, e ledo. »

CAMÕES. — *Lusiadas,* Canto IV, estrofe X.

A

LVÍS DE ALMEIDA BRAGA

MEV IRMÃO

NA RELIGIÃO DO ENCOBERTO

EM LEMBRANÇA

DOS CAMINHOS SENTIMENTAIS

DO EXÍLIO

QVE AMBOS PISAMOS

GARRETTEANAMENTE.

SONETO

DO

MARQUÊS DE QUINTANAR

SONETO

A António Sardinha,
fraternalmente.

«Terra alheia? Algumas vezes
Nada há mais nosso do que ela!
Que o digam os portugueses
No velho lar de Castela!»

ALBERTO MONSARAZ.

Corriendo las angostas callejas toledanas,
de tu yerro de siglos te arrepentiste un dia...
¡Cantaban en su lengua de bronce las campanas
y una blanca paloma su ramo te ofrecia!

En tu mente florida, nuestras Patrias hermanas
celebran gozosas su aurea epifania...
¡Benditos los dolores de las luchas lejanas,
si hicieron el camino al triunfo y la harmonia!

Y asi mientras andabas las angostas callejas,
en que abren su mirada tenebrosa las rejas,
y las piedras se ungen de un aroma imortal,

iba soñando estrofas tu corazon jugoso,
tan plenas de saudade, que el Tajo caudaloso
las llevó hacia tu amada tierra de Portugal...

EL MARQUEZ DE QUINTANAR,
Conde de Santibañez del Rio.

Invocação

« El Rey D. Sancho em Toledo, livre já dos encargos do Reyno & bem desenganado do pouco caso q~ se póde fazer das cousas da vida, passava o tempo com quietação, & repouso, pondo seu cuidado em grangear por meyo de bôas obras outro Reino mais firme, & de mayor perpetuidade que o que perdera.»

Monarchia Lusitana, Tom. IV, livr. XIV, cap. XXXII.

« Nem vivo nem morto Sancho II devia tornar a transpôr as fronteiras de Portugal. »

ALEXANDRE HERCULANO.

I

Graças a ti, ao teu perfil moreno,
eu conheci a paz que tinha dantes.
Nesta agonia em que deliro e peno
tu me embalaste em horas inquietantes!

Fôste p'ra mim um Portugal pequeno,
alpendre sempre aberto aos caminhantes!
Serás talvez pior de que um veneno
— mas tanto basta p'ra que tu me encantes!

Onde me trouxe, errando, a minha sorte!
Trouxe-me à capital do Outro-Mundo,
— trouxe-me ao purgatório da Saudade!

Toledo, côr do Tempo, irmã da Morte,
porque destino trágico, profundo,
o teu mistério me domina e invade?

II

Longe, bem longe, numa pátria mansa,
eu já te conhecia sem te ver!
Nem mesmo sei porque entranhada herança
tu vives tanto dentro do meu ser!

Talvez que seja porque em ti descansa
êsse que em ti penou até morrer!
Rei destronado, lembra uma criança,
cheia de estranho, de fatal poder!

Rei destronado, no maior segrêdo
ei-lo reinando sôbre um vago povo,
— ei-lo reinando em ar de moribundo...

Na Côrte da Saudade, que é Toledo,
João-sem-Terra dum tormento novo,
reina em silêncio, no silêncio fundo!

CANÇÃO DE TOLEDO

« Caminito toledano,
! quién te tuviera andado ! »

Da canção.

Canção de Toledo

MORA a Saudade em Toledo,
— onde eu a fui encontrar!
Fez a viagem do Tejo,
custou-lhe pouco a chegar!

Toledo à bôca da noite,
— canção de Sancho II...
Possa Toledo ir comigo,
quando eu me fôr deste mundo!

De tanto a ver nos meus olhos,
perdi o tento ao que digo!
Não sei se estou em Toledo,
se está Toledo comigo!

Desci ao rio à tardinha,
— antes partir que ficar!
Disse-me o Tejo, apressado:
— « É se Toledo deixar! »

Essa palavra « saudade »,
se um português a inventou,
foi em Toledo, — jurava! —
que êle a chorar a soltou!

Sete-Partidas do Mundo,
ninguém as dá percorridas...
Pois sem saír de Toledo,
corri as Sete-Partidas!

Se a voz do Longe encarnasse,
tomava corpo em Toledo...
É cada pedra uma alma,
é cada alma um segrêdo!

Toledo, espelho da Morte,
nasceu de sangue rial.
Filha das águas do Tejo,
tem um irmão: Portugal!

Se Portugal se partisse
em dois bocados no mundo,
era p'ra o Mar o primeiro,
Toledo herdava o segundo!

Sou aprendiz de cigano,
falo uma fala estrangeira...
Por tua causa, ó Toledo,
não tenho já quem me queira!

Se Deus, depois de defunto,
me impôe eterno degrêdo,
busquem-me as cinzas na cova,
busquem-me a alma em Toledo!

Canção de Sancho II,
— oh Dona Mécia traidora!
E sinto os olhos em água,
como se eu próprio é que fôra!

Saudade, coyta de Sancho,
dentro do peito a moer...
Tu és, Toledo, um moinho,
moendo sem nos doer!

Alma-penada penando,
não vejo às penas o fundo!
Toledo, meu purgatório,
eu já não sou deste mundo!

Se tu não fôras, Toledo,
meu mal seria pior,
ó Portugal pequenino,
bocado de outro maior!

Andam cadetes na rua,
— canção de Iria à janela...
Meninas, lindas meninas,
nunca fiando, — cautela!

Coyta de Sancho, caluda,
— são horas de ir descansar!
Longe, bem longe, senhora,
no que estarás a pensar?!

« A vida acaba na morte,
não póde a alma morrer! »
Cantou-o alguém em Lisboa,
só p'ra Toledo o aprender!

* * *

Mora a Saudade em Toledo,
— onde eu a fui encontrar?!
Fez a viagem do Tejo,
— custou-lhe pouco a chegar!

NA CÔRTE DA SAUDADE

« No me podràn quitar el dolorido
Sentir... »

GARCILASO.

« ... uma vida misteriosa — sem portuguezes!

AFFONSO LOPES VIEIRA.

Soneto da ausência

Na Côrte da Saudade, certo dia,
bateu meu coração de português.
E assim batendo como ali batia,
foi p'ra sofrer e amar que Deus o fez!

Foi p'ra sofrer e amar, — eu bem sabia!
(Na Côrte da Saudade era uma vez...)
E o coração, batendo em agonia,
nunca bateu com tanta placidês!

Ampara-o tu de longe, ó doce Amada,
queimando hervas contra o mau destino,
num lento salmear de coisas lentas!

Canta um rimance, triste e compassada!
Tu és a ama, eu sou o teu menino,
— vê se me embalas, vê se me acalentas!

Solar da Morte

CIDADE de agonia e de bruxedo,
tu és uma paisagem de Outro-Mundo!
Quem te roubou um dia o teu segrêdo,
ficou p'ra toda a vida moribundo!

Guardada nos meus olhos, ó Toledo,
tu cantas nas visões de que me inundo!
Lembras-me um lago marasmado, quedo,
onde há tesoiros a chamar do fundo!

Quero-te assim como te quís o Greco,
reinando em minhas veias como um éco,
— nem mesmo eu sei de que fatal orgia!

Ó côr de sortilégio e encantamento,
o teu pintor de Sombras, macilento,
foi o pintor apenas do que *via!*

Sancho II

MAIS pobre e mais tristonho que um mendigo,
ó meu D. Sancho, errante e destronado,
hás-de ser sempre o mesmo rei antigo,
sôbre o pendão real crucificado!

Tu reinas dentre as sombras do jazigo,
— não se acabou ainda o teu reinado!
Fantasma incerto que não acha abrigo,
possues, no entanto, um reino dilatado!

Reino que vai até p'ra além da Morte,
(és o monarca mais temido e forte!)
um reino igual onde é que o há no mundo?!

Rei da Saudade, assim com ar funéreo,
não tem limites esse grande império,
— e cabe todo num adeus profundo!

Parasceve

O' coração que estás batendo incerto,
eu sei porque é que bates na incerteza!
Disse-te o rio aqui à mão, bem perto,
que se marchava á terra portuguesa!

Tanto bastou p'ra que no teu deserto
florissem açucenas com pureza,
ó coração, vassalo do Encoberto,
vivendo sempre numa flama acesa!

Ao fundo, sôbre os longes, mora a neve...
Paixão de Christo na paixão do rio.
Toledo à hora-sexta. Parasceve.

E o Tejo passa, angustiado e estreito.
Põe-te a correr com êle ao desafio,
ó coração que bates no meu peito!

Velho tema

A Cava! A Cava! Quem seria ela?
Oh quem seria essa princesa estranha,
por cuja falta, — falta de donzela! —,
um dia houve perdição tamanha?

Ainda agora, quando a lua vela,
a Cava desce ao rio e ali se banha,
mais do que nunca tentadora e bela,
— mais do que nunca a perdição de Espanha!

Ai do que em vida lhe provou o encanto!
Preso às cadeias do fatal quebranto,
morre a penar como o bom rei Rodrigo!

Oh Cava! Oh Cava! Eu sei o teu segrêdo!
Tu não és mais que a alma de Toledo,
vertendo em nós todo o seu ópio antigo!

Na Catedral

CONTAI-ME, alâmpadas, o velho caso
de certo cavaleiro português
que, de joelhos num sepulcro raso,
soube cumprir os votos que êle fez!

Em nome do Senhor daqui o emprazo
p'ra que se mostre aos homens outra vez!
A raça de que êle era está no ocaso,
— são horas estas p'ra montante e arnês!

Martim de Freitas...
E no templo escuro,
à meia luz dos círios, quem não há-de
lembrar o exemplo do barão perfeito?

Ouvi, alâmpadas!
Também eu juro
guardar a minha vida em lealdade
ao grande sonho que me abraza o peito!

Olhando o longe

SANCHO II... E o seu olhar ausente
revive-o com tristeza o meu olhar!
Ás horas da tardinha, ao sol-poente,
levava o tempo todo a meditar.

Ás horas da tardinha, lentamente,
subia o Rey-Saudade ao alcaçar.
Longe, bem longe... E a ânsia da corrente
parece um coração a palpitar!

Parece um coração batendo forte...
Longe, bem longe! Amor, irmão da Morte,
mas que distâncias há que não afrontes?!

Parte depressa e vem trazer ligeiro
as novas que te dérem, cavaleiro,
de Aquela que ficou p'ra lá dos montes!

Vexilla Regis

« Alors commence la solennelle procession des siècles chrétiens s'acheminent á la suite de la croix dans la direction de l'avenir. »

GODEFROID KURTH.

O orgão geme. É Sexta-Feira Santa.
Adoração da Cruz na Catedral.
E sobe o côro numa voz que espanta,
— voz de tragédia e cerração mortal!

Só um madeiro agreste se levanta,
abrindo os braços negros por igual.
Os padres cantam. E em tristeza tanta
recorta o incenso a mística espiral.

Soluça o orgão...
Com a Cruz erguida,
por todo o templo a fé que nos alenta
entôa um hino à Árvore-da-Vida.

E eu, pobre criatura transitória,
enquanto a procissão perpassa lenta,
julgo assistir ao desfilar da Historia!

Fala do silêncio

NASCI debaixo de implacável sina,
— mandam em mim constelações funestas.
Quando será que o meu penar termina,
Toledo dos Concílios e das Gestas?

Peneira a noite uma poeira fina,
deixando-te sem rugas nem arestas...
No entanto, que desvairo te alucina,
— p'ra que sabat tremendo não te aprestas?

Toledo, côr de sangue, à lua-cheia!
Oh que relâmpago êsse de epopeia,
passando em minhas veias devagar!

Tudo se abisma no mistério mudo.
Mas no silêncio em que se abisma tudo,
ficou-me o coração p'ra conversar!

Emigrados

a Eduardo Pinto da Cunha.

TOLEDO. Funerais de D. Quichote.
(Ou seja o enterro do Senhor de Orgaz).
Vamos descer à luz do mesmo archote,
— vamos descer à cova em que êle jaz!

Olhai-vos bem! Quem há que não se note
por entre a procissão que ali se faz?!
Oh grande ajuntamento, cujo mote
foi sempre a guerra por amor da paz!

Oh grande ajuntamento! E nós descemos.
Somos dum mundo já que não existe,
— somos dum mundo que perdeu os remos!

Irmãos de D. Quichote macilento
ó cavaleiros da Figura-Triste,
quando será o nosso enterramento?

No Horto

PAIXÃO de Christo. Cái a tarde lenta.
Diz-nos adeus o sol p'ra além do rio.
E no caír da tarde que adormenta,
suspenso, o ar tornou-se mais macio.

Ensaia o Tejo arrancos de tormenta,
— ensaia o Tejo um longo desvario.
Paisagem de ruínas. Agoirenta,
compõe Toledo o seu perfil sombrio.

Peço perdão a Deus, se O ofendo e peco!
Mas, distraído da lição dos Salmos,
vejo florir em tôrno as açucenas...

Paixão de Christo no jardim do Greco.
Se Ela estivesse,— a Esposa de olhos calmos,
como eu beijara as suas mãos pequenas!

Ronda macabra

SEREI das tuas covas afamadas
o último escolar em bruxaria,
Toledo dos defuntos, das ossadas,
reinando sobre a treva que arrepia!

Não te receio as tintas carregadas,
nem tenho medo à tua côr sombria!
E a noite avança. P'las encruzilhadas
andam fantasmas numa doida orgia!

Ó Côrte dos Milagres, negra e estranha,
por ti em tempos vinha gente a Espanha
buscar a juventude nas retortas!

E a noite manda!
Espectro do Outro-Mundo,
alguem arrasta o passo moribundo,
— sou eu que te passeio a horas mortas!

Ao Tejo

« ¡ Yo te recuerdo en la rojiza orilla,
junto al agua que vino de Castilla! . . .
Inefable rincón de Portugal! . . .

CONDE DE SANTIBAÑEZ DEL RIO — *El florido enigma.*

NÃO me conheces! És criança ainda
e apenas cuidas em seguir adiante!
Por isso não te espanta a minha vinda,
nem dás por ela, ó buliçoso infante!

Tejo em Toledo. Oh ânsia que não finda,
— turvada excitação de caminhante!
Antes que deixes essa várzea linda,
que penses bem no que é andar errante!

E o doido marcha, alheio à dor, ao tédio,
— marcha embebido em seduções remotas,
atrás da voz do mar que o transfigura!

Talvez me escute, sem já ter remédio,
quando, entre caravelas e gaivotas,
lhe ponham termo as ondas à loucura!

Noite toledana

C. A. H.

Oh noite de Toledo, noite brava!
Oh noite côr de púrpura violenta!
E a febre em que o meu corpo se abrazava
é febre que inda agora me atormenta!

Enquanto, de senhora feita escrava,
a alma já sem fôrças se adormenta,
a rosa do Pecado desfolhava
as suas grandes pétalas, sangrenta.

Oh noite de Toledo!
E em giro tonto,
eu era como alguém — macabro conto! —
bailando entre dragões numa cisterna...

Ia murchando a rosa do Pecado...
Mas no silêncio negro e enregelado
surgia agora a perdição eterna!

Ay, Deus, e hu é?!

COYTA de Sancho dentro em mim sangrando...
Coyta de Sancho, meu irmão antigo...
(Porque paragens de aventura eu ando,
— mas a que longes não vim dar comigo?!)

Coyta de Sancho... E num soluço brando
à sua coyta a minha coyta ligo!
Na mesma pena as penas ajuntando,
teci com elas um Cantar-de-Amigo!

Coyta de Sancho, — à provençal maneira...
Ay, Deus, e hu é, Senhor, o verde pino?!
Ay, Deus, e hu é, Senhor, a minha Amada?!

Porque me lembra, dôce e hospitaleira,
pregunto aos écos p'lo seu rosto fino,
— e os écos tristes não respondem nada!

Ao Gréco

« Grego Pintor famoso que celebraram todos os poetas deste século: ora seu modo de pintar tão severo e tão escuro, que aos mais desagradava: nunca se lhe gastou painel em pessoa do vulgo: vivia a este respeito muito pobre, como soberbo de grandeza de seu espírito. »

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO. — *Apologos dialogais.*

TU és p'ra mim um purgatório imenso,
em que eu lúbricamente me torturo!
Pregunto muita vez se me pertenço,
— ou se pertenço ao teu rebanho escuro!

Por entre fumos lívidos de incenso,
em ti me encontro, quando me procuro!
Nem imprimindo o rosto sôbre o lenço,
eu deixaria um traço mais seguro!

Não sei porquê, mas sei que és meu parente!
As Sombras que me evocas longamente,
onde é que as foste descobrir, aonde?

Ó homem que voltaste do Outro-Mundo,
revê-se em ti, como num lago fundo,
todo o segrêdo que a minh'alma esconde!

Desvairo antigo

« .. ou por arte de feitiçaria com que diziam que a Rainha D. Mécia o atara, ou por sua formusura, que dizem ser mui rara... »

DUARTE NUNES DE LEÃO.

CANÇÃO de Dona Mécia, — a biscainha . . .
Canção de Dona Mécia na ventana . . .
Não fala o coração, mas adivinha,
que o triste as mais das vezes não se engana!

" Por tantos modos eu te fiz rainha,
— rainha do meu sonho, bem tirana!
E não bastou, p'ra desventura minha,
sentar-te nesse trono que te ufana! „

Campêam com nobreza, entre o arvoredo,
sôbre um poente fundo, ensanguentado,
as tôrres e as muralhas de Toledo.

Paisagem de blasfêmia... E o desterrado
murmura dôce, como num segrêdo:
—"*Oh Dona Mécia, oh corpo de oiro amado!*„

Aleluia

« Campanicas de Toledo,
óigoos y no os veo ! »

Da Canção.

PÁSCOA do exílio, — coração desfeito . . .
E os sinos tocam p'la tardinha mansa !
Os sinos tocam dentro do meu peito
a melodia duma velha esperança !

Sôbre o poente me aconchego e deito,
a ver se o coração assim descança . . .
Quem te embalasse, ó coração, com geito,
como se embala o berço a uma criança !

E os sinos tocam . . .
Que aleluia de oiro
não vái p'lo céu, afogueado e loiro,
como se fôsse uma romã ardente!

Páscoa do exílio, — coração desfeito . . .
Só dentro em mim, nas sombras do meu peito,
um sino dobra amarguradamente!

Voz da Raça

RESPOSTA de Castela a Aljubarrota!
E na mudez da pedra tumular
dorme o vencido o sono da derrota,
sonhando com alguém p'ra o desforrar!

Olho em redor... Da abóbada remota
uma bandeira pende, a esfarrapar.
E penso na desgraça que a amarrota,
vexada e triste, sôbre o imenso altar.

Essa Isabel que ali a pôs um dia,
do sangue do inimigo descendia,
— sangue de Avís florindo em toda a graça!

Por isso, olhando o seu troféu antigo,
Castela, não te espantes se te digo
que nem assim venceste a minha raça!

Epifanía dos cravos

TOLEDO com cadetes à tardinha,
como se lê às vezes nas novelas...
O sol-poente os longes acarinha,
— paisagens enrugadas, amarelas.

Mais débil que asa débil de andorinha,
a aragem beija os cravos nas janelas.
Não sei que voz secreta se adivinha
entre as ruínas, a falar com elas!

Toledo com cadetes passeando...
E os cravos desabrocham longamente
no enlêvo dêste abril renovador!

Ó madre Espanha, dorme um sono brando!
Não se perdeu a tua alma ardente,
— no velho tronco vai romper a flor!

Soneto de amor

A tua linha airosa de açucena
nunca me deixa, ó frágil criatura!
Por isso é mais ligeira a minha pena,
— por isso a minha pena é menos dura!

Na ausência que à saudade nos condena
como um silêncio brando te emoldura!
Lembras Toledo, tua irmã morena,
cheia de encanto e cheia de amargura!

Santa Maria doce do meu sonho,
p'ra ti as mãos com humildade ponho
nas horas de agonia e de incerteza!

Vejo-te longe, como numa ogiva...
Que a tua graça eternamente viva
e que eu a sirva em terra portuguesa!

Fome de Deus

Oh alma de Toledo!...
E um frade prega,
— um frade prega, iluminado e fundo!
E até a Carne, tão grosseira e cega,
se abrasa toda em ânsias do Outro-Mundo!

Dentro de mim, em mística refrega,
protesta e grita um sonho moribundo.
Corto-lhe pronto as asas que desprega,
— e com o pó me quero e me confundo!

Como na hora do Final-Juízo,
o chão anónimo, — êste chão que piso,
povôa-se de assombros imortais!

Um frade prégа!
E na palavra ungida
parece mesmo que regressa à vida
quem dela se partiu p'ra nunca mais!

Lembrar! Lembrar!

« Nunca assi foi vendudo
rey Don Sancho en Portugal ! »

ALFONSO EL SABIO.

O' meu D. Sancho, ó grande insatisfeito,
desce do trono e vem sonhar comigo!
Somos irmãos os dois do mesmo peito,
— temos no sangue o mesmo mal antigo!

Mal da Saudade, — mal de que eu me aleito
nas horas que atravesso de mendigo —,
costuma-me embalar com tanto geito
que se tornou p'ra mim um bom amigo!

Lembrar! Lembrar! Oh singular bebida,
por cuja graça tão ligado eu ando
a alguém que está ausente e não me olvida!

Mas, ai de ti, ó pobre Rey calado!
Se sabes bem o que é viver lembrando,
sabes milhor o que é não ser lembrado!

Maðre Hispania

« Nem uma só vez se achará em nossos escriptores a palavra «hespanhol» designando exclusivamente o habitante da Peninsula não portuguez . . . Mas Hespanhoes somos, e de Hespanhoes nos devemos prezar todos os que habitamos esta peninsula. »

ALMEIDA GARRETT. — CAMÕES.
Nota ao Canto III.

TOCÁMOS um no outro levemente.
— " *Sou do Aragão.* „ — " *E eu de Portugal!* „
E dentro em mim, por maravilha ardente,
a chama que brilhou não tinha igual!

Logo o passado ali se fez presente.
E assim, naquele instante, a Catedral,
por todo o frio eterno que aparente,
foi hóstia humana, vívida, imortal!

Foi hóstia humana . . .
E as gerações tombadas
saíram da poeira, das ossadas,
— e eu vi-me envolto em comunhão tamanha!

•

Ao alto, nos vitrais, findava o dia.
— "*Sou do Aragão!*" E enquanto respondia,
sentimos ambos que éramos de Espanha!

Alma penada

CORTOU o ar, febril e repentina,
— cortou o ar, inquieta e sensual.
Nem uma bruxa, quando lê a sina,
possúi, ao lê-la, uma atração igual!

É voz de perdição que nos domina,
mais doce de que o ópio mais fatal.
Ó Salomé, eterna bailarina,
enrola-me aos aneis dessa espiral!

A *Valsa-dos-Apaches* em Toledo!
E um gozo estranho, um lúbrico gemido,
anda a morrer no ar coalhado e quedo.

Eu vou-me atrás do éco sonolento...
Sou como alguém que, exausto e pervertido,
na própria perversão encontra alento!

Egas Moniz

« Tal diante do Principe indignado,
Egas estava a tudo oferecido . . . »

CAMÕES.

TAMBÉM tu me visitas, cavaleiro,
embora estejas outro, de mudado,
com êsse porte que era sobranceiro,
cinjindo agora uma alva de enforcado!

Egas Moniz . . . E dentre o nevoeiro
contempla-me o barão assinalado.
A gorja oprime-lh'a um cordel grosseiro
e o corpo vai-lhe em vida amortalhado.

Só p'ra acudir a um reino pequenino,
afronta a ira negra do destino
e torna-a branda com o seu suor.

Errante como êle em terra alheia,
pudesse a dor que o peito me golpeia
abrir caminho ao Portugal-Maior!

Na glória da tarde

REINA Toledo ao fundo com nobreza,
pensando nos mistérios da Outra-Vida.
E o ceu, — um lindo ceu azul-turquesa —,
laivou-se duma côr enraivecida.

Ó côrte do Silêncio e da Tristeza,
solar da Dona-Infanta adormecida,
— seja a Saudade embora portuguesa,
quem sabe lá se foi aqui nascida?!

Posada de la Sangre. Venta de Alma.
E com Barrés e Tirso de Molina
vou conversando p'la tardinha calma.

Reina Toledo ao fundo nobremente...
E assim de longe como se ilumina,
beijada com amor p'lo sol-poente!

De profundis

« En este templo de S. Roman, Martir,
repozan los restos de D.n Bartolomé
Lorenzo de Gusman, Presbitero Port.ués
Nacido en la ciudad de Santos = Brasil =
en el año de MDCLXXXV, Primer Inventor
de los aerostatos = Falleció en esta
Capital en XIX de noviembre de MDCCX.
La ciudad de Toledo le dedica este recuerdo ».

Duma inscrição.

Ânsia de subir em que te abrasas
é essa mesma ânsia em que eu me excito!
E penso, olhando as sepulturas rasas,
se valerá a pena tanto grito!

Vê como as torres entre as outras casas
se elevam firmes, mas com ar contrito!
Meu pobre irmão, meu Fala-Só com asas,
que vã cavalaria a do Infinito!

Padre Bartolomeu, — se dás licença
que eu fale á bôa moda portuguêsa! —,
a tua geração não se acabou!

Porque voei numa loucura imensa,
aqui me tens contigo na tristeza,
chorando sobre as cinzas do meu vôo!

Oração a Castela

ao marquês de Lozoya.

CASTELA-Mãi, Castela da Conquista,
és a Castela agora das colheitas!
Por todo o imenso em que se afogue a vista,
lembras um mar de espigas já desfeitas!

Contra um poente de oiro e de ametista,
que fundos horizontes tu não deitas!
Em vão se encrespa ao longe alguma crista,
— são linhas que se apagam contrafeitas!

Castela, no crepúsculo inflamado,
irmã da grande terra alentejana
no mesmo sentimento do Infinito,

quando te vejo o agreste descampado,
se a ânsia da minh'alma não se engana,
sou eu que me desdobro e me repito!

Moira encantada

No horto do Pecado... Abriu-m'o o Greco.
Das mãos do Greco recebi a chave.
E no delírio em que me esgoto e seco,
flutúa sempre o mesmo corpo de ave!

É longo e fugitivo como um éco,
— não há ninguém que m'o retenha e grave,
porque esse corpo, em quem, pensando, eu peco,
tem tanto de onda, como tem de nave!

Toledo fez-se carne, — e carne ardente,
com toda a fôrça dum bruxedo antigo,
mais forte e mais fatal que o meu desejo!

Se fecho os olhos demoradamente,
Toledo feita carne, — mas que digo?! —,
é sempre nesse corpo que eu a vejo!

Responso

TOLEDO toda junta diz « Saudade »,
— Toledo tem costela portuguesa,
desde que um certo rei com humildade
aqui se fez vassalo da Tristeza!

Mirada sobre o Tejo, quem não ha-de
sentir á voz do sangue a alma presa?
Desvaira a altas horas a cidade,
ao vêr que o rio a deixa com rudeza.

Ao ver que o rio a deixa e não a leva,
Toledo, alucinada, sái da treva,
— e pensa em ir, em abalar também...

Onde é que irás, irmã de Dona Cava?
Olha se é grande o engano do que estava,
maior é a amargura do que vem!

Vitral

« Em Toledo se edificou hum insigne mosteiro, que foy o primeiro da sagrada Ordem da Conceição... Tanto que o tempo deu lugar tresladarão a bem-aventurada Dona Brites da Sylva para este Mosteiro da sua Ordem da Conceição, & poserão seus ossos que cheiravam maravilhosamente, em hum sepulcro de pedra bem ornado . . . »

FR. LUÍS DOS ANJOS. — *Jardim de Portugal.*

ANDAVA Beatriz sempre sósinha
nas festas e caçadas de Castela.
Entre os fidalgos servidor não tinha,
pois se o tivesse despedia-o ela!

Murmura-se aos ouvidos da rainha:
— « Talvez que el-rei pensasse na donzela! »
E a ânsia que em seu peito se adivinha
mandava que a espreitassem com cautela.

Ardendo num ciúme atordoante,
quís a rainha surpreende-la um dia,
fechada no aposento com o amante.

« Entrai, senhora ! »
E abrindo o cortinado,
mostrou-lhe sôbre o leito em que dormia
a imagem de Jesus-Crucificado.

Triste fado

NUNCA me deixa a tua sombra errante,
enchendo, lastimosa, a noite funda!
Alma-penada, que ninguém se espante
dos tristes ais de que ela nos inunda

Oiço-te o éco longo, arrepiante,
— quási te vejo a boca moribunda...
Nem nas tremendas criações do Dante
essa agonia se repete e abunda!

E penso em teu reinado que não finda!
Lembra-me alguém que está p'ra vir ainda,
— teu sucessor em tão pesada herança!

Rey da Saudade, ó meu fantasma incerto,
quando é que tu, p'lo braço do Encoberto,
irás sentar-te nos jardins da Esperança?

Memória

MEU coração de lusitano antigo
bateu às portas de Toledo, — a estranha.
Mais rôto e ensanguentado que um mendigo,
só a Saudade os passos lhe acompanha.

Pois a Saudade ali me deu abrigo,
ao pé do Tejo que a Toledo banha.
Levava os dias a falar comigo,
como um pastor com outro na montanha.

Em todo o mundo ha terra portuguesa,
desde que a alma a tenha na lembrança
e a sirva sempre com fervor igual.

Talvez por isso, em horas de tristeza,
eu pude à sua amada semelhança
criar p'ra mim um novo Portugal!

Lendo êstes versos

Soneto de Eugénio de Castro.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Uma tarde revivo de ha cinco anos,
Lendo êstes versos, que hábil mão segura
Fez irmãos, p'la subtil cinzeladura,
Dos tauxiados aços toledanos.

Toledo! Chamas no ar... Dois franciscanos
Fogem do sol, que os queima na tonsura...
Na catedral, que paz e que frescura!
Passa um tropel de norte-americanos...

S. João dos Reys, jardim petrificado!
O Tejo e o Greco! Em senhoril meneio,
Cheirando nardos, que gentil mulher!

E enfim, de tanto ver extenuado,
Uma orchata de chufas saboreio
Sob a arcaria do Zocodovér.

EUGENIO DE CASTRO.

FINIS

LAUS DEO

OMNI SUB CORRECTIONE S. M. R

ECCLESIÆ

ÍNDICE

Soneto do Marquês de Quintanar 9
Invocação. 13
Canção de Toledo. 19
Na Côrte da Saudade 27
Soneto da ausência 29
Solar da Morte. 31
Sancho II. 33
Parasceve. 35
Velho tema 37
Na Catedral. 39
Olhando o longe 41
Vexilla Regis 43
Fala do silêncio. 45
Emigrados 47
No Horto. 49

Ronda macabra. 51
Ao Tejo 53
Noite toledana 55
Ay, Deus, e hu é ?! 57
Ao Gréco. 59
Desvairo antigo. 61
Aleluia. 63
Voz da Raça. 65
Epifania dos cravos 67
Soneto de amor 69
Fome de Deus 71
Lembrar! Lembrar! 73
Madre Hispania 75
Alma penada 77
Egas Moniz 79
Na gloria da tarde. 81
De profundis. 83
Oração a Castela 85
Moira encantada 87
Responso. 89
Vitral 91
Triste fado 93
Memória 95
Lendo êstes versos, por Eugénio de Castro 97

ERRATA

Onde se lê, a páginas 34:

um reino igual onde é que o há no mundo ? !

deve lêr-se:

— *um reino igual, onde é que o há no mundo ? !*

LVMEN